

MEDOLOGIA NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Antonio Carlos Bez
Gisele Carneiro
Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo

Estamos vivenciando, hoje, uma nova fase do capitalismo. Se o século XIX foi marcado pela Revolução Industrial, com o surgimento das máquinas e das grandes fábricas, hoje estamos em plena Revolução Tecnológica, marcada pelo desenvolvimento da informática, da microeletrônica, a robótica. Se antes era essencial que houvesse o maior número possível de trabalhadores para atuar nas máquinas, hoje não acontece isso. Muitos seres humanos se tornaram “supérfluos”, “excedentes”, “inúteis economicamente” para o capital. O capitalismo não precisa mais de todos. Depois de construir uma grande riqueza às custas do trabalho humano e dos recursos naturais pilhados de países como os da América do Sul, o trabalhador é “jogado fora”. Cresce o número de desempregados, de subempregados, de trabalhadores precarizados. Estes trabalhadores que foram gradativamente expulsos do mercado de trabalho geralmente se sentem “incapazes”, “inferiores”, e se culpam pela situação vivenciada. Muitos vão acumulando derrotas na competição capitalista e a cada dia mais se fragilizam, acentuando o confronto desigual na corrida pela sobrevivência.

Mesmo diante desta situação, há inúmeros grupos que resistem a esta lógica desumana do mercado. Há trabalhadores que se organizam para realizar alguma atividade econômica e não querem manter relações de competição e nem de subordinação. Podemos dizer que as experiências nas quais vigora o trabalho coletivo, a democracia, a colaboração, a troca de afeto, a distribuição justa do resultado do trabalho realizado, são práticas de Economia Popular Solidária. Temos como exemplo Clubes de Troca, padarias comunitárias, cooperativas da reforma agrária e tantas outras formas de o povo se organizar.

Pode-se dizer que a Economia Popular Solidária é o *anúncio* de um novo mundo que se quer construir. No entanto, a *denúncia* precede o anúncio. Os espaços de Economia Popular Solidária são propícios para que possamos fazer acontecer este movimento *denúncia/anúncio*, sob a forma de reflexão coletiva a partir de símbolos, mensagens, mística, dinâmicas que podem ser utilizados como ponto de partida para a leitura da realidade, a desconstrução de mitos e a construção do conhecimento. É preciso denunciar todas as formas de morte, tais como: individualismo, sexismo, corrida pelo lucro, mercantilismo, transgenia como forma de concentração e domínio das sementes, as transnacionais que degradam e espoliam os recursos naturais e os povos, a propriedade privada da terra, água, minerais, conhecimentos etc. Ao mesmo tempo, o anúncio se dá semeando práticas de um outro mundo que já vem acontecendo. Desta forma, a Economia Popular Solidária se dá como um novo jeito de pensar e estabelecer relações pautadas na solidariedade, cooperação, autogestão, respeito às diferenças culturais, o cuidado perante a vida.

Esta outra economia acontece de baixo para cima, numa democracia direta, participativa, de forma coletiva, associativa. Parte do local, perpassa o micro, abarca o macro e retorna ao local, num movimento dialético.

A Economia Popular Solidária se constitui num grande movimento horizontal, de solidariedade, de cuidado, centrado no ser humano. No entanto, acontece ainda *dentro* do velho e desgastado modelo piramidal, competitivo, com as determinações partindo de cima da pirâmide para a sua base, oprimindo e impedindo a vida. Os sujeitos da Economia Popular Solidária, de modo geral, estão ainda *impregnados* dos valores e princípios capitalistas. Daí, a necessidade de se investir numa metodologia de trabalho que ajude os grupos a estabelecer o movimento de denúncia e anúncio e possibilite vivenciar novas relações.

Ao atuarmos com grupos que se reúnem de forma solidária para a produção, comercialização ou consumo precisamos estar atentos e vigilantes para que, no dia-a-dia, minuto a minuto, se estabeleçam condições para que aconteça de fato a Economia Popular Solidária. Defendemos alguns pilares metodológicos que podemos incorporar nas práticas com grupos: 1 – **dimensão subjetivo/afetiva**¹ - estando a Economia Popular Solidária a serviço da vida, é preciso que esta vida seja festejada, valorizada, cuidada constantemente. Isto inclui abraços, olhares, toques, cantos, dinâmicas que favoreçam a vivência da cooperação, a história de vida, etc. No Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo - CEFURIA, adotamos a dinâmica da estrada contendo pegadas, pedras e flores, para que as pessoas possam partilhar a caminhada da vida, com denúncias, anúncios, obstáculos, alegrias; 2 – **exercício do diálogo/participação/escuta** - Que as pessoa comecem a desenvolver a participação, exercitando a fala, a argumentação, o silêncio quando necessário. Reuniões de planejamento, avaliação dos trabalhos ou mesmo para resolução de questões emergenciais devem ser espaços nos quais todos tenham vez e voz, nas quais as questões relativas ao trabalho do grupo – mesmo que aparentemente sejam questões insignificantes, sejam objeto de debate respeitoso e democrático. 3 – **Denúncia x anúncio** – já citado acima: que seja incentivada a reflexão crítica acerca da realidade desumana que se quer destruir e o mundo novo que se busca construir. Este movimento, naturalmente, não envolve discursos ou palestras, mas vivências através de símbolos, dinâmicas, diálogo, problematização, articulação com movimentos sociais que já têm uma caminhada maior neste movimento reflexivo; Nesta perspectiva, o CEFURIA desenvolve a Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária, abordando a História Social do Trabalho, espaço no qual se busca avançar na elaboração de uma proposta de economia voltada para a construção de uma nova sociedade.. 4 – **Articulação em Rede** – Enquanto faz parte da estratégia opressora dividir as pessoas para fragiliza-las², precisamos fazer o movimento inverso: unir para fortalecer. Isso significa incentivar práticas de cooperação e articulação entre as pessoas, grupos, movimentos, com especial atenção para a união entre campo e cidade; 5 – **Fortalecer identidades e auto-estima** – Enquanto os dominadores destroem as culturas para mais

¹ Ver NEGRI e HARDT. **Império**. Rio de Janeiro : Record, 2001. Estes autores tratam da subjetividade e do trabalho imaterial na dimensão afetiva.

² A competição, em todos os níveis é uma grande estratégia para dividir as pessoas. Paulo Freire aborda a importância de a liderança revolucionária atuar na perspectiva da união. Ver FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40.ed. São Paulo : Paz e Terra, 2005. Pg. 198. Sobre efeitos nefastos da competição, ver SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo : Perseu Abramo, 2002. Pg. 7-9

facilmente destruir os povos, nosso trabalho é ajudar a reconstruir e valorizar culturas, valorizar e identidades: indígenas, negros, carrinheiros, camponeses, mulheres, imigrantes... 6 – **Avivar a esperança:** animadores de Economia Popular Solidária têm a responsabilidade de constantemente avivar a chama da esperança, da alegria, do otimismo, a certeza de que vamos construir o mundo novo. Paulo Freire dizia que a esperança é um motor da história, juntamente com a luta de classes³. 7 – **Refletir a partir das pequenas atitudes:** ações como administrar recurso coletivo, coordenar grupos, compra de matéria prima, divisão e responsabilização por tarefas do grupo – são ótimos elementos para reflexão sobre a coerência entre discurso e prática. 8 – **Unir formação técnica e formação política,** favorecendo a autonomia, organização e mobilização.

Na Economia Popular Solidária, a preservação e cuidado com a vida é o grande incentivo para o trabalho. Para isso, TODAS as pessoas são necessárias, são importantes e valiosas. Uma *outra* economia, que acolha todas as pessoas e que ponha a tecnologia a serviço da vida, é o que buscamos.

³ FREIRE, Paulo. 11.ed. **Pedagogia da Esperança.** São Paulo : Paz e Terra, 2003.